

GP-14

LAS RELACIONES ENTRE LA CIUDAD Y EL CAMPO Y LAS MANIFESTACIONES DE LA RURALIDAD Y URBANIDAD EN EL DISTRITO DE LERROVILLE, LONDRINA, BRASIL

Prof. Msc. Robson Munhoz de Oliveira

Facultad de Ciência y Tecnologia de la UNESP Brasil 55 (61) 81114041
geounesp@hotmail.com

Prof. Dra Rosângela Ap. de M. Hespanhol Facultad de Ciência y Tecnologia de la UNESP Brasil medeiroshespanhol@yahoo.com.br

RESUMEN

Este artículo pretende hacer una reflexión desde la categoría ruralidad pensar alternativo analítico la dicotomía ciudad-campo. No debemos olvidar que la promoción y la consolidación del proceso de globalización, que se basa en nuevos aparatos técnicos y científicos, provocó cambios profundos en los campos brasileños, generando nuevas exigencias en este espacio, lo que condujo a su complicación debido a la diversificación económica y el mayor alcance de las redes de relaciones sociales. Por tanto, haremos una revisión de la literatura señalando desde la visión dualista dicotómico hasta las perspectivas contemporáneas que buscan mostrar la invasión de la ciudad de ruralidad. Las categorías ruralidad y urbanidad son entendidos como dimensión inmaterial determinante es determinado por materialities espacio. Por último, hemos intentado demostrar cómo estos procesos han sido visualizadas en el Distrito de Lerroville, Municipio de Londrina, Paraná, Brasil, en la que tratamos de entender la importancia de la producción de café como estrategia de agricultores familiares de su mantenimiento en el campo y el aspecto de la ruralidad y urbanidad en la relación entre la ciudad y del país. En las visitas a los distritos rurales naranja agria y limeira encontré que muchos de los elementos de lo urbano, que invadió la rural trajo una mejor calidad de vida, otros, sin embargo, han contribuido muy poco, sólo contribuye a erosionar los valores tradicionales. Esto es así porque, muchos de los productos ofrecidos por el mercado como una necesidad para sus consumidores son, en realidad, lo que resulta imperativo del sistema capitalista. Otro elemento de lo urbano, que invade el terreno y las tecnologías asociadas con el proceso de producción y la necesidad de aumentar la productividad. Este proceso se intensifica la interacción de las familias rurales en el mundo urbano.

INTRODUÇÃO

O local e o global se “aproximaram” e, portanto, passaram a apresentar maior integração por meio da intensificação das trocas econômicas, culturais e simbólicas, inclusive rompendo com a hierarquia tradicional fundado na lógica local-regional-nacional-global, posto que neste período pode ser local-global, ou uma gama de outros arranjos territoriais. Isso nos leva à necessidade de considerar o território rural e urbano numa perspectiva multiescalar complexa.

Diante desse novo contexto de relações socioespaciais que determinam igualmente novos processos territoriais e relações rural-urbano, buscaremos entender as continuidades e descontinuidades dos processos sociais que caracterizam estas relações, além das perspectivas teóricas que lançam luz sobre estes processos.

O objetivo de nossa proposta é contribuir com a discussão acerca das novas perspectivas de abordagens a partir da incorporação do aporte ruralidade como manifestação social. Para tanto, faremos uma revisão bibliográfica apontando as perspectivas contemporâneas que buscam mostrar a presença dos modos de vida tradicional típicos do rural, no espaço urbano permeando as relações sociais, assim com a grande influência do rural pelas relações sociais tipicamente urbanas. Destes dois processos, podemos dizer que o segundo é o mais evidente e complexo. Buscaremos, ainda, distinguir rural e urbano e destas como se chegou à categoria analítica ruralidade e urbanidade.

Por fim, buscaremos de forma concisa demonstrar como estes processos foram visualizados nas pesquisas de campo realizadas no mês de maio de 2011 no Distrito de Lerroville, Município de Londrina-PR, em visita aos bairros rurais Laranja Azeda e Limeira.

As aceleradas metamorfoses do rural no campo

O campo brasileiro passou ao longo de uma geração por mudanças drásticas em sua paisagem, ou seja, nos elementos visíveis, mas que também se expressam nas relações sociais. Esta acelerada metamorfose que ocorreu no espaço de uma geração é tanto mais perceptível e verdadeira, quanto mais próximo o campo está, espacial ou economicamente, das grandes e médias cidades.

Entretanto, acreditamos que ainda podemos falar na existência de peculiaridades entre campo e cidade, apesar da nítida presença de elementos do urbano no campo. Diferenças ainda existem, em que pese o processo de globalização que as vem aplainando com maior ou menor intensidade. Isso obriga o pesquisador a encontrar e explicar a correlação das variáveis que melhor elucidam seu objeto de estudo num contexto espaço-temporal específico. Teixeira; Lages

(1997) afirmam que se ainda falamos em uma “Geografia Rural”, é porque ainda existe um espaço rural correspondente.

O estreitamento entre rural e urbano não quer dizer que haverá o desaparecimento completo das territorialidades tipicamente rurícolas. Em nosso entendimento, não só os sujeitos que vivem no campo não se urbanizaram por completo a ponto de perder suas territorialidades, como, tampouco, podemos dizer que rural e urbano se confundem na paisagem ou em seus processos sociais intrínsecos - ruralidades e urbanidades - especialmente se consideramos as particularidades dos variados e complexos arranjos territoriais brasileiros. O que se assiste, em verdade, é uma maior imbricação entre ruralidades e urbanidades, entendida como manifestações características de cidade ou campo. O desafio está em entender como se determinam.

Remy (1989) e Mormont (1989 e 1997) citados por Biazzo (2008, p. 139) acreditam que com a “urbanização do rural” não necessariamente haverá o fim de manifestações rurais devido à modernização. Para estes autores “[...] ambos podem conviver nos mesmos locais, nas práticas dos mesmos atores sociais.”

Alentejano (2003, p. 8) não considera que o rural foi ou está sendo sepultado pela urbanização e, portanto, não é mais uma categoria explicativa ou que o “rural e urbano sempre foram categorias inúteis para a análise.” Apenas considera que o rural foi resignificado. “[...] Assim, não se trata de ver o rural como sinônimo de atraso, de agrícola, de natural, enfim de vê-lo como o oposto de uma visão estereotipada do urbano que o coloca como o *locus* por excelência do progresso, da modernização, da indústria e da técnica.”

Outro processo que não pode deixar de ser considerado é o avanço da ruralidade sobre as cidades, por um lado devido à valorização (capitalista) da cultura rústica própria das tradições rurais, resgatada pelo seu valor idílico e, por outro, em virtude da resignificação da “Natureza”¹, para ficar em apenas dois processos, embora não se negue outros. Para Biazzo (2008, p. 141), “Se muda o discurso hegemônico, mudam os significados de rural e ruralidade, urbano e urbanidade. [...]”. De acordo com Teixeira; Lages (1997) a harmonia da vida rural revela a reconstrução do imaginário da “época de ouro” que supostamente existiu.

Em outros termos, em que pese os processos que tendem a reduzir estas nuances, acreditamos que ainda é possível constatar configurações territoriais próprias do campo ou da cidade, sem necessariamente negar sua maior ou menor interação. Acreditamos que rural e urbano sempre se encontraram relacionados em alguma medida e, na contemporaneidade, este processo se encontra intensificando, principalmente com o gradativo avanço da urbanidade no campo.

¹ As aspas indicam as relações sociais que estão contidas na segunda Natureza, já humanizada.

As manifestações típicas do rural e do urbano: a ruralidade e a urbanidade – tentativa de conceituação

Para iniciar esta discussão parece essencial responder a indagação: o que é o rural ou o que não é urbano? Brunet *et al.* (1992) *apud* Teixeira; Lages (1997, p. 11) qualificam como rural todos os elementos ligados ao campo, seja agrícola ou não-agrícola, como a população, o *hábitat*, o espaço, etc. Assim, ruralidade para estes autores é definida como tudo que se vincula a vida rural “[...] em particular às condições materiais e morais da existência das populações rurais. [...]”. Assim, a “ruralidade” é entendida por Brunet *et al.* (1992) como um certo tipo de relação social (de produção) e seu meio, o que pode ser estendido ao conceito de “urbanidade” guardando suas qualidades peculiares. Deste modo, ele desconsidera o “meio natural” como a característica para definir ruralidade e urbanidade.

Teixeira; Lages (1997) defendem que o “rural” implica pensar para além de uma localização específica – o campo – mas também uma atividade específica, um modo de vida particular e um *status* específico dado a “terra” como normatizador e estruturador das relações sociais. Nesta concepção a propriedade fundiária tem um valor central. Neste particular, Alentejano (2003, p. 11) afirma que independente das atividades desenvolvidas - industriais, agrícolas, artesanais ou de serviços -, das relações de trabalho existentes - assalariadas, pré-capitalistas ou familiares -, do maior ou menor desenvolvimento tecnológico, a “terra” é um elemento que no campo “[...] perpassa e dá unidade a todas essas relações [...]”, o que não se aplica as cidades “[...] onde a importância econômica, social e espacial da terra é muito mais reduzida.”

Alentejano (2003, p.11) coloca que “[...] É esta intensidade da territorialidade que distingue, em nossa opinião, o rural do urbano [...]”. Para ele, o “urbano” representa relações sociais mais globais, portanto mais descoladas do seu território, ao passo que o “rural” reflete territorialidade profunda e um vínculo maior com o local. Evidentemente que o autor está se referindo a uma agricultura de base familiar tradicional ou pouco modernizada, dado que a agricultura capitalista moderna se globalizou, tanto ou mais que algumas atividades urbano-industriais ou de serviços.

Remy (1989) e Mormont (1989, 1997) *apud* Biazzo (2008, p. 139) advogam que a idéia de “[...] rural e urbano são qualidades das relações sociais e, por isso, trata-se de rural e urbano no local e, não, „um local como rural ou urbano.“” Carneiro (2003, p. 9) *apud* Biazzo (2008, p. 141) transmite uma nova mensagem quando esta expressa que “rural” e “urbano” não designariam “espaços” ou “propriedades empiricamente”, e sim “representações sociais”. Deste modo, contribui para a desnaturalização de referências empíricas que reforça essa dualidade. Com isso possibilita a autora reconhecer “experiências” e “relações sociais” tipicamente rurais, que podem se manifestar no espaço urbano.

Biazzo (2008) propõe que se abandonem as análises da relação cidade-campo, o vínculo direto entre “espaço e rural”, ou “espaço e urbano”, e se adote “ruralidades” e “urbanidades”, porque como tais adquirem conteúdo analítico. Para Biazzo (2008, p. 145) não há espaços rurais ou espaços urbanos: “[...] Há urbanidades e ruralidades que, combinadas, ensejam as territorialidades particulares de cada localidade, município ou recorte regional. Trata-se de não encarar rural e urbano como substantivos, pois desta forma nada especificam e seu significado se esvazia.”

Alertemos para o fato de que na concepção de Biazzo (2008), o espaço como fator tem sua força minimizada, o que nos parece preocupante, pois coloca que as relações sociais entendidas como “ruralidades” e “urbanidades” seria um elemento suficiente para se entender os processos geográficos. Com esta abordagem, este autor tende a negar que ruralidade e urbanidade são produtos de um dado espaço material. Nesta perspectiva, o espaço tende a ser suprimido como condicionador das relações sociais, ou pelo menos não é privilegiado na análise do autor. Mesmo não negando a existência de um espaço concreto: “Campo e cidade são, portanto, materialidades. Concretizam-se como paisagens contrastantes.” (BIAZZO, 2008, p. 143),

Torna-se importante ver o espaço e o território como fatores e condições da evolução social, produto e condicionador das relações sociais. Neste particular ainda podemos nos apoiar em Teixeira; Lages (1997, p. 11) para quem:

A imagem das sociedades rurais sugere a existência de conexões entre formas de vida social e inscrição no espaço, que podem atuar nos dois sentidos. Espaço não é um substrato neutro e passivo, sobre o qual repousa a organização social, mas sim um ponto de partida material por excelência. Tem conteúdo histórico, ao mesmo tempo em que condiciona as atividades humanas, e é por elas transformado.

Entretanto, compreender as relações sociais inerente ao mundo rural implica em percebê-lo, vivê-lo, descobri-lo teórico e empiricamente. Esta será a única maneira de avançar em formulações para além da dicotomia rural-urbano e superar a diáfise entre rural e urbano, dado que estes *processos* estão fortemente imbricados em uma relação de mutualidade.

A relação rural-urbano: transformações recentes

Desde o início do século XX o rural aparece fortemente condicionado as transformações sociais, sobretudo ao processo de industrialização e urbanização, e

passa a ganhar uma nova função que não apenas a relacionada a produção, aquela associada a gêneros de primeira necessidade.

Queiroz (1979) já frisava que o rural não pode ser apreendido fora de seus processos relacional com o urbano, pois o rural nunca pode ser estudado em si mesmo. Assim, em nosso entendimento, a autora defende a necessidade de abordagens com foco nos processos relacionais das sociedades, que devem ser vistas numa perspectiva “global” em oposição a uma abordagem eminentemente rural ou eminentemente urbana que desconsidera a interação entres as partes do todo. São os processos de formação socioespaciais que devem ser estudados para a superação das dualidades.

Para Graziano da Silva (1997, p. 01) cada dia torna-se mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. De qualquer modo, isto não é mais relevante. Isso porque: “[...] Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um „continuum” do urbano do ponto de vista espacial [...]”. Por sua vez, do ponto de vista da organização da atividade econômica, a cidade não é mais o *locus* apenas da atividade industrial ou o campo o *locus* da agricultura e da pecuária.

Foi chamada de “urbanização do campo” ou “urbanização do rural” a corrente da qual Graziano da Silva (1997) é atualmente um dos principais representantes. Em suas palavras são os “espaços rurbanos” e se baseiam em um *continuum* rural/urbano. Trata-se da grande difusão de atividades não-agrícolas no campo e sua combinação com atividades agrícolas.

Nosso entendimento é de que são as interações, mais que as diferenças que provocam transformações na dinâmica das sociedades rurais nos dias atuais.

Acreditamos que para dar conta da complexidade das relações sociais que acometem o mundo rural na atualidade, faz-se necessário deixar de dar atenção unicamente aos elementos que dão seu dinamismo em escala regional. Faz-se necessário a adoção de uma abordagem que encare a relação rural-urbano para além da perspectiva local-local, mas local-global.

Se, por um lado, Teixeira; Lages (1997, p.15) colocam a questão da inevitabilidade do processo inexorável da urbanização, ou que as “[...] as cidades e os modos de vida urbano estão aqui para ficar [...]”, Alentejano (2003) expressa uma posição diferente, quando coloca que na segunda metade do século XX, o aprofundamento e as vantagens da urbanização eram enxergados como “inexoráveis”, mas atualmente alguns estudos revalorizam o rural e apontam as limitações do modelo de urbanização.

De fato, torna-se muito difícil defender um processo de ruralização que avance no sentido de apagar as marcas da urbanização no espaço, estas que parecem indelévels. Todavia, acreditar que o modo de vida urbano continuará avançando em passos largos como se verificou ao longo de todo o século XX, pode ser errôneo, tendo em vista as tantas mudanças de curso assistidas na história humana. O certo é que muito dos valores bucólicos campestres tem sido resgatados

pela sociedade urbana, esta que, não raro, encontra-se imbricada numa teia de relações muitas vezes caótica, caracterizada por sérios problemas de ordem social e ambiental. Além do mais, outra questão atinente é a atualidade da questão ambiental envolvida nesse processo de revalorização do rural. Neste contexto, o rural assume novas funções ligadas aos serviços como o turismo rural, o ecoturismo, o processamento industrial, etc.

Por outro lado, se “as urbanidades se difundem e se apresentam cada vez mais difusas no espaço, o mesmo ocorre com as ruralidades!” (BIAZZO, 2008, p. 144). Tal manifestação se vê em restaurantes, pousadas, hotéis, shoppings etc., que resgatam o idílico rurícola como maneira de agregação de valor aos espaços e/ou produtos, reificando-os. Todavia, não se limita a ele, pois muitas vezes aparecem na paisagem como um elemento funcional para viabilizar a reprodução social da camada mais pobre ou como marca da memória, como valor cultural, modos de fazer, tradição que não se quer ou pode abandonar. Como exemplo, podemos mencionar o uso do fogão à lenha, da carroça puxada a cavalo ou a boi, os terrenos urbanos com pequenas plantações seja para venda como complemento da renda ou usadas na alimentação da família. Podemos ainda lembrar as músicas de raízes, manifestações festivas como as festas juninas e tantas outras (festa do milho, da uva, dos povos tradicionais), os pratos e bebidas típicas e uma infindável lista de outros elementos de manifestação das ruralidades que podem ser vistas nas cidades.

Alguns aspectos da relação rural-urbano no Distrito de Lerroville, Londrina-PR

Com o propósito de apreender da realidade os aspectos discutidos anteriormente, realizamos uma pesquisa de campo no Distrito de Lerroville, Município de Londrina – PR, particularmente nos bairros rurais da Laranja Azeda e Limeira, onde procuramos compreender a importância da cafeicultura como uma atividade econômica praticada entre os agricultores para sua manutenção no campo e alguns aspectos que poderiam revelar a integração daquelas pessoas e espaço rural com o mundo urbano.

Constatou-se que o café constitui-se no principal produto cultivado entre estes produtores. Nos dois bairros vimos a predominância de pequenas propriedades rurais e uma agricultura com baixo grau de incorporação tecnológica.

A partir de 1990 estes agricultores foram acometidos por uma forte crise de mercado. Diante disso, diversos destes agricultores familiares converteram-se em produtores de café orgânico, todavia a estratégia não obteve o êxito esperado devido ao fato da rentabilidade ficar aquém do esperado. Em face desta situação, alguns agricultores e seus filhos precisaram buscar alternativas, complementando

sua renda com trabalhos fora da propriedade, como uma das estratégias para permanecerem no campo.

Faz-se necessário descer ao nível da estrutura intra-familiar para se entender o fenômeno da pluriatividade como estratégia de reprodução sociocultural. Muitos buscam renda externa para se manter como agricultores, outros deixam de atuar como agricultores, especialmente os mais jovens. Entendemos que variáveis endógenas e exógenas em diferentes escalas regional, nacional e global - entrelaçam-se como condicionantes da pluriatividade, podendo haver a atuação maior de uma ou outra escala. Cada contexto demandará a visão da totalidade e multidimensionalidade territorial.

Desde a década de 1970, a cafeicultura, principal absorvedora de mão-de-obra no campo no norte paranaense, foi drasticamente reduzida e substituída principalmente por soja e trigo que aumentaram significativamente. Neste mesmo período, segundo Moro (2000), o processo de modernização reduziu 104. 838 estabelecimentos agropecuários no Estado do Paraná.

Neste novo cenário, as atividades laborais no campo não se apresentavam como atrativo para as novas gerações que optaram por migrarem para as cidades. Diante deste processo de migração, segundo Batista (2010),² ocorreu um envelhecimento da população representado pelo grande percentual de idosos (com mais de 55 anos) alcançando 21,21% da população nos bairros rurais estudados. Moro (2000) relata que a situação rural-urbana se inverte pela primeira vez já na década de 1970, quando a população urbana supera a rural no Estado do Paraná.

O Sr. Oscar, agricultor de Laranja Azeda, nos relatou que as pastagens e outros tipos de lavouras ficam nas partes baixas da propriedade, enquanto que as lavouras de café ficam no alto. Isto ajuda a amenizar os efeitos mais intensos das geadas nos fundos de vale sobre os cafezais.

A “vaca” (seria bom explicar em nota de rodapé do que se trata que nos foi mostrada por um agricultor visitado e, posteriormente foi vista em todas as propriedades visitadas, constitui-se em um utensílio, parecido com um rodo, fabricado pelos próprios produtores para amontoar o café no terreiro depois de colhido. A confecção deste instrumento, assim como tantos outros apetrechos, como a própria vassoura usada para juntar os cocos de café, consistem em exemplo para driblar a dependência do mercado. São exatamente estes pequenos artifícios, vistos em conjunto, que muitas vezes permitem ao agricultor viabilizar economicamente sua atividade³. A inventividade ora ganha terreno ora perde, como nos revelou as paisagens corriqueiras dessa viagem ao norte do Paraná. Isso posto, queremos acreditar que, ainda assim, o cotidiano do homem comum pode reinventar a ordem

² Batista realizou sua pesquisa de doutorado nestes mesmos bairros rurais e foi um dos guias nas visitas a estas comunidades.

³ “O papel que a troca começa a ganhar é uma enorme mudança na história dos lugares e do mundo, deslocando da primazia o papel do uso, e até mesmo comandando o uso, ao revés do comando anterior da troca pelo uso.” (SANTOS, 1999, p. 09)

das coisas. Neste palco, os agricultores compõem um elenco de atores protagonistas da sua própria história, que atuam em meio ao cenário da nova ordem global.

A antena parabólica presente na totalidade das casas rurais visitadas, elemento extremamente comum nas paisagens rurais nos mais longínquos territórios, é o canal por onde os valores da urbanidade “invadem” o mundo rural. O carro-de-boi ou a carroça puxada pelo cavalo foi, há muito, substituída pelo automóvel. Muitos dos elementos do urbano que invadiram o rural trouxeram melhor qualidade de vida, outros, porém, pouco contribuíram para tal, apenas ajudaram para desvirtuar valores tradicionais. Muitos dos produtos ofertados pelo mercado como necessidade para seus consumidores, na maioria das vezes, são imposições da sociedade de consumo. O grande problema que encerra este modelo consumista é o auto-sacrifício como a subsunção a trabalhos precários, dentro ou fora da propriedade rural, para se atingir o *status* desejado (ou imposto) pelo consumo ou posse de objetos, fetiches do sistema capitalista. Outro elemento do urbano que invade o campo é a tecnologia associada ao processo produtivo. As novas condições de mercado impõem a necessidade de aumento da produtividade, condição para se manter com competitividade viável. Este processo intensifica a interação das famílias rurais com o mundo urbano de maneira inédita.

Conforme analisa Batista (2010, p. 197): “[...] Na falta de um terreiro [de concreto ou tijolos], o café era seco sob encerados estendidos no chão, ou até mesmo no próprio chão batido, sendo a produção obtida armazenada dentro da própria casa.” Aqui temos um exemplo onde o concreto ou os tijolos - que como colocamos anteriormente, marca a paisagem urbana – apresenta-se em um artifício que em muito contribui com o cafeicultor. Atualmente o terreiro é feito de concreto, sendo este uma marca na paisagem que caracteriza as propriedades nos bairros visitados. Batista (2010) identificou 72 terreiros, dos quais 70 eram pavimentados. Identificamos em poucos casos o uso da lona para a secagem do café.

Outro detalhe interessante observado na propriedade do Sr. Oscar foi a disposição do terreiro e da tulha, onde fica armazenado o café e outros produtos. O terreiro para secagem do café fica em um nível superior a tulha de tal modo que facilita o transporte do café seco. A tulha localiza-se em um nível abaixo do terreiro, ambos ficam ligados por uma pequena passagem de madeira, que sai do terreiro direto para o sótão da tulha.

Constatou-se o uso de alguns implementos mecânicos usados na colheita, no caso as derrigadeiras e sopradores. Entretanto, a cafeicultura ainda demanda grande quantidade de mão-de-obra em todas as etapas da produção. O uso de secadores mecânicos que auxiliam na secagem do café ainda não é muito comum, pois verificamos este equipamento em apenas uma propriedade. Segundo um agricultor entrevistado, há apenas mais uma propriedade que possui secador mecânico, dado o alto custo para sua aquisição. No processo produtivo é realizada a adubação do café com adubos químicos ou orgânicos.

Como foi observado em campo e na literatura atinente à agricultura familiar, constata-se que apenas parcela dos agricultores assimilou a modernização em algumas etapas do processo produtivo. A alegação feita por um dos agricultores visitados foi que a mecanização é uma necessidade diante da falta de mão-de-obra no campo. Acrescentaríamos a migração dos filhos para cidade como um fator da escassez da mão-de-obra. Mas, este processo, a expulsão do homem do campo, também é consequência daquele, tecnificação da base produtiva, de modo que são processos indissociáveis e mutuamente condicionados. Isso vale principalmente para a pequena e média propriedade, mas também para a grande propriedade.

A necessidade de utilização de mão-de-obra extra-familiar está de certa forma relacionada à forte demanda por braços na colheita, o que é uma característica da agricultura. No caso do café, apenas a presença dos filhos dos agricultores é insuficiente, já que esta atividade, no período de safra, precisa de grande quantidade de mão-de-obra que saiba fazer a colheita, ou seja, não é qualquer trabalhador que consegue trabalhar na colheita. Ademais, nas últimas décadas muitos dos filhos dos produtores migraram para a cidade, o que reduziu a disponibilidade de mão-de-obra familiar e aumentou ainda mais a dependência da contratação de trabalhadores temporários, os “bóias-frias”. Muitos destes trabalhadores foram um dia trabalhadores expulsos do campo pela mecanização. São, na sua maioria, habitantes da cidade, o que é revelador de mais um aspecto da interação entre campo e cidade.

A sua compreensão, no entanto, passa pelo entendimento de uma problemática ainda mais ampla, que se relaciona com o abandono dos agricultores familiares pelo Estado e da assimilação da ideologia urbana por parcela da população que vive no campo. Isso porque, o modo de vida rural foi estereotipado e em grande medida o habitante do campo foi qualificado como atrasado.

Batista (2010) demonstra que

[...] Os sitiantes que possuem uma melhor condição financeira realizam a aplicação de uma maior quantidade de adubo, conseqüentemente seus cafeeiros apresentam um melhor porte, árvores mais verdes e em condições produtivas melhores. Os que não podem fazer uma aplicação de adubos como o receituário agrônomo indica, possuem cafezais com árvores ressecadas e pouco produtivas. [...] Para o ano agrícola de 2007/2008, em 89,74% das propriedades cafeicultoras pesquisadas os sitiantes disseram ter aplicado adubo, sendo que em 83,34% foi usado adubo químico. (BATISTA, 2010, p. 204-205)

Também foi relatado pelos agricultores entrevistados na pesquisa de campo, o uso do agrotóxico para controlar as pragas na cultura de café, exceto por um produtor orgânico visitado.

Os produtores visitados produzem o café da variedade Mundo Novo. Esta variedade é considerada pelos próprios produtores entrevistados menos produtiva, mas que possui uma vida mais longa.

O que se constatou, principalmente quando entrevistávamos os pequenos sítios, é que a lavoura cafeeira é pensada como local de trabalho para a vida. É assim que entendemos a relação do produtor com uma variedade que, mesmo sendo menos produtiva e mais atacada pelas pragas da cafeicultura, não tem prazo de duração. Bem cuidada, mesmo no ano de pouca produção, devido a bienalidade, produz uma quantidade capaz de proporcionar aos cafeicultores uma renda mínima para o provimento das necessidades da família. (BATISTA, 2010, p. 208)

A capina que pode ser realizada seis vezes no ano está sendo substituída pela aplicação de *Round up*. “[...] Essa prática visa minimizar o tempo de serviço gasto para manter o cafezal limpo, bem como o esforço físico realizado em tal tarefa.” (BATISTA, 2010, p. 208) Observa-se, claramente, neste exemplo de como o homem domina o tempo e subjuga o tempo da natureza, visando maximizar a renda, além de tornar seu trabalho menos árduo, também em virtude dos altos custos com a mão-de-obra e da falta desta para trabalhar em várias fases do processo produtivo. É o tempo rápido, a aceleração contemporânea que chega como necessidade para os agricultores familiares daqueles bairros rurais

O que se observou ao longo do tempo histórico foi que o homem dominou a natureza, domesticou as plantas e animais, desenvolveu um grande número de técnicas de transporte para comprimir os espaços, aumentar a produtividade do solo, mas não por isso dispõe de mais tempo para o ócio, mas ao contrário, cada vez mais é escravo do tempo, ou será do mercado dos desejos, dos fetiches do mercado? Aqui se coloca a indagação se o progresso técnico e científico atual encerra um progresso humano?.

Para (não) concluir

Parece mais adequado falar nas semelhanças e interações urbano-rural e a imbricação sincrética entre ruralidades e urbanidades, cada vez mais comum na sociedade que se globaliza. Assim, se para as cidades não há mais novidade em se falar de modernização, visto que este espaço é, por excelência, gestor deste mesmo processo, especialmente no que se refere às médias e grandes cidades, devemos tentar captar como este vem se intensificando no campo. Todavia, não devemos deixar de apontar que suas diferentes matizes seguem existindo e são tangíveis, guardando suas especificidades e forças diferenciadas em função do momento e da realidade estudada.

A nosso ver, a distinção entre rural e urbano como perspectiva analítica, não contribui para os estudos numa perspectiva dialética. Porquanto, entendemos que cada território, seja rural ou urbano, contém seus pares dialéticos, ou seja, contém contraditoriamente sua negação, sem o qual ele não pode ser compreendido, porque é parte indissociável. Em suma, se rural e urbano se negam ontologicamente, epistemologicamente, porém, não podem ser compreendidos separadamente. Em nosso entendimento é de que são as interações, mais que as diferenças que provocam transformações na dinâmica das sociedades rurais e a definem.

Todavia, não podemos deixar de colocar que diante da ordem massificadora imposta pelas relações sociais urbanas, o espaço rural visitado na pesquisa de campo, permanece mantendo muito dos seus hábitos e costumes tradicionais, não se subjugando ao *script* pronto. A força da ordem encontra resistência no local, inclusive com a permanência de muitos jovens no campo.

Os valores do urbano, impostos pelo modelo capitalista, esbarram nas coisas banais que não raro dificultam a sua penetração hegemônica e, muitas vezes são ressignificadas profundamente. Ao contrário da sua supressão, o avanço da fronteira do massificador mundo urbano, *dialeticamente* inspira e cria a necessidade de inventividade no cotidiano pelos povos comuns, os “sem nomes” no dizer de Certeau. Mas, quem há de ganhar nesta queda de braços? Haveria vencedores e perdedores? Defendemos aqui que não se pode fazer uma avaliação cabal por tratar-se de um processo não passível de ser mensurado, sob pena de equívocos na análise. Não se trata da desintegração pura e simples do rural como já se anunciou para o agricultor familiar e sua transmutação em urbano. O que se verifica antes, na atualmente é a gestação de um urbano e um rural que emergem da relação harmônica/conflituosa de ruralidade e urbanidades, algo inteiramente novo na sua essência.

Todavia, parece inegável que as micro-táticas inventivas, ou seja, as forma de organização social no interior da propriedades, vão ganhando visibilidade e apoio, seja timidamente por parte de alguns setores do Estado, dos meios de comunicação, ou ainda pelos acadêmicos, que buscam sua compreensão e lhes dão suporte.

Referências

ALENTEJANO, P. R. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. São Paulo: **Revista Terra Livre**, v. 2, nº 21, ano 19, Julho/Dez. 2003.

ARAÚJO, Carlos Augusto Moraes *et al.* Autonomia e dependência na associação dos pequenos agricultores do projeto cinturão verde de ilha solteira. In: **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/5/1203.pdf>> Acessado em 29 de Março de 2011.

ASARI, Alice Yatiyo; Muniz, Helena M. Cabelo; Rosa, Mirim Dantas. **Programa vilas rurais política pública de fixação dos trabalhadores no campo**. Disponível em <www2.uel.br/revista/geografia/10v.1.poll> acessado 21 de maio de 2011.

BATISTA, Ederval. **A importância da cafeicultura para a permanência dos sítiantes na terra: uma análise dos bairros rurais da Laranja Azeda e da Limeira em Lerroville, Londrina – PR**. 2010. 351f. Tese de Doutorado (Doutor em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010.

BATISTA, Ederval. **A espacialização (luta) e a territorialização (conquista) da terra de trabalho nos municípios de Londrina e Tamarana – PR Disponível em**<<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/primeirosimposio/completos/eदेवर्वलेवersonbatista.pdf>> acessado em 13 de julho de 2011.

BIAZZO, Pedro Paulo. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. **4º Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – ENGRUP**, São Paulo. SP: USP, pp. 132-150, 2008. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/ivengrup/pdf/biazzo_p_p.pdf> Acessado em 29 de março de 2012.

DALTON, Aureo. A modernização da agricultura paranaense. In: Vellalobos, Jorge Ulises Guerra **Geografia Social e Agricultura**. Maringá: Programa de Pós-graduação em Geografia – UEM, p. 27 – 59, 2000.

DOURADO, Lilian Ap. Campos. Ilha Solteira e o espaço público de lazer In: **O espaço Público e territorialidade do Lazer na Estância Turística Ilha Solteira – SP**. 2007. 113 f. Dissertação de Mestrado. (Mestre em Geografia) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, p. 61-94

DOURADO; Silva; HERNANDES; Vanzela. Ilha Solteira Contraste de uma cidade planejada. In: **XII Encontro Sul-Matogrossense de Geografia**, 2003, Disponível em: <http://www.agr.feis.unesp.br/Ilha%20Solteira%20contrastes.pdf>> Acessado em 29 de Março de 2011.

FERREIRA, Darlene A. de Oliveira. Geografia Agrária no Brasil: Conceituação e periodização. São Paulo: **Revista Terra Livre**, nº 16, p. 39-70, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro**. Campinas, Instituto de Economia, Unicamp, 1997.

MORO, Dalton Aureo. A modernização da agricultura paranaense. In: Vellalobos, Jorge Ulises Guerra **Geografia Social e Agricultura**. Maringá: Programa de Pós-graduação em Geografia – UEM, 2000, p. 27 – 59.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Do rural e do urbano no Brasil. In: Smzrecsányi, Tamás; Queda, Oriovaldo. **Vida Rural e Mudança Social**. São Paulo, Ed. Nacional, 1979, p.160-175.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. 1999. Disponível em <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia>> Acessado em 23 de maio de 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOLARI, Aldo B. O objeto da sociologia rural. In: Smzrecsányi, Tamás; Queda, Oriovaldo. **Vida Rural e Mudança Social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

SOROKIN, Pitirim, A.; ZIMMERMAN, Carlo C.; GALPIN, Charles J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: Martins, José de S. **Introdução Crítica à Sociologia Rural**. 2ª edição, São Paulo: Ed. Hucitec, 1986.

TEIXEIRA, Márcio Antonio; LAGES, Vinicius Nobre. Transformações no espaço rural e a geografia rural idéias para discussão. **Revista de Geografia**. São Paulo, 1997, p. 05-33.